

A argumentação paulina em seu discurso em Listra¹

Profa. Dra. Luciene de Lima Oliveira (UERJ)

Resumo: Após escaparem de perseguições: primeiro em Antioquia da Pisídia, depois, em Icônio, Paulo e Barnabé vão em direção a Derbe, Listra e adjacências, anunciando o evangelho (At 14. 7). Ora, Paulo poderia não se considerar como portador de uma grande eloquência. Não obstante, os moradores de Listra acharam que ele fosse Hermes e Barnabé, Zeus. De acordo com o relato bíblico, Paulo havia curado um coxo de nascença, que estava ouvindo o seu sermão (At 14. 8-12). O presente artigo tem por escopo fazer uma exposição a respeito da argumentação de Paulo de Tarso em seu discurso na região de Listra para a multidão.

Palavras-chave: Paulo de Tarso; Retórica; Listra; Grego Koiné.

Paul's argumentation in his speech in Listra

Abstract: After escaping persecutions: first in Antioch of Pisidia, later in Konya, Paul and Barnabas walk towards Derbe, Lystra and adjacences, preaching the gospel (At 14. 7). Paul may have considered himself lacking in eloquence. Notwithstanding, the inhabitants of Lystra thought he was Hermes and Barnabas, Zeus. According to his biblical account, Paul had healed a person who had a limp since birth through his sermon (At 14. 8-12). The present article has as its scope an exposition on Paul's argumentation regarding his speech to the crowds in Lystra.

Keywords: Paul of Tarsus; Rethoric; Lystra; Koine Greek.

A Licaônia era uma região que se situava no centro da Ásia Menor, que esteve sob o domínio romano a partir de 25 a.C., sendo, então, uma colônia romana. Na verdade, a Licaônia era um planalto de cerca de 900 m de altitude, sendo cercada pela Capadócia, Galácia, Frigia, Pisídia, Cilícia. A Licaônia não era uma região próspera economicamente e nem famosa do ponto de vista histórico. A região da Licaônia tinha por cidades principais: Derbe, Listra² e Icônio. Convém lembrar que Paulo e Barnabé³ visitaram essas três cidades na primeira viagem missionária (At 14. 6).

O apóstolo Paulo e Barnabé estavam em Listra. De acordo com o relato bíblico, Paulo havia curado um coxo de nascença, que estava ouvindo o seu sermão (At 14. 8-12). A reação da multidão foi imediata, prorrompendo numa aclamação de exaltação religiosa. Desse modo, não foi surpresa que, em Listra, o sacerdote local de Zeus e as massas, instantaneamente, se prepararam para sacrificar (At 14. 13, 18) em honra a

Paulo e a Barnabé, isto é, a “Hermes” e a “Zeus”, respectivamente, de acordo com a opinião dos moradores da colônia romana (At 14. 14-18).

Rowe destaca que “idolstrar” os deuses na antiguidade era também “sacrificar” (ROWE, 2009, p. 19):

E o sacerdote de Zeus, que estava diante da cidade, conduzindo touros e coroas de flores diante dos portões, queria sacrificar com as multidões.
(At 14. 13)

Os apóstolos, talvez, pela dificuldade de entender licaônio (At 14. 11), demoram um pouco, mas, finalmente, seguem para protestar contra essa atitude “idóltra pagã” (At 14. 14-18). A propósito, os licaônios falavam uma língua que não foi muito bem identificada, de acordo com o relato *lucano* (At 14. 11).

Rowe é enfático ao afirmar que a impressionante religiosidade greco-romana há muito estava sob a influência de Homero, na qual a aparição dos deuses em forma humana era sempre esperada (HOMER. **Odyssey** 17, vv. 485-486) (ROWE, 2009, p. 19).

Flávio Josefo dá a seguinte explanação:

Embora representando-os tão imperfeitos, eles tinham persuadido os povos a lhes oferecerem sacrifícios; julgavam a uns benfeitores, a outros, malfeitores, e procediam para com eles como o fariam com os homens, pois procuravam torná-los favoráveis por meio de presentes, na persuasão de que outro modo ter-lhes-iam feito muito mal (FLÁVIO JOSEFO. **Apêndice: Resposta de Flávio Josefo a Ápio**, 2.8).

Pode-se fazer uma analogia entre a passagem dos Atos 14. 11 com um excerto de *Metamorphoses* de Ovídio. O poeta latino menciona a descida de Júpiter / Zeus do Olímpo “como um deus disfarçado em forma humana” (OVIDIUS. **Metamorphoses** 1. 200-220).

O conto de Ovídio (OVIDIUS. **Metamorphoses** 1. 200-220) é significativo, porque reflete com os Atos 14. 8-18, um tipo comum, uma forma de pensar padrão sobre o aparecimento dos deuses e da resposta humana a eles (At 10. 25-26; 28. 1-10).

A similaridade com a história relatada por Lucas a respeito de Paulo e de Barnabé em Listra é notável. No primeiro contato, alguém pode, facilmente, pensar que a ânsia das pessoas de Listra para honrar Barnabé e Paulo faz muito sentido à luz da pré-história religiosa: Zeus e Hermes já tinham sido vistos no interior da Ásia Menor antes (ROWE, 2009, p. 20). E Horácio também sugere que Augusto era Hermes / Mercúrio em forma humana (HORACE. **Odes** 1.2, 40–50).

Possivelmente, três foram os *tópoi*, “lugares”, principais que Paulo selecionou e utilizou para constituir a “matéria”, de seu discurso em Listra para a multidão: a) Negação da identidade

divina dele e de Barnabé, para tal era impossível os dois serem deuses do panteão helênico (Atos 14. 15); b) O objetivo de seu discurso: anunciar o *Evangelho* para que haja “conversão”, ao “Deus Vivo” (Atos 14. 15); c) A apresentação do “Deus Vivo”, e sua generosidade a todos os “seres humanos” (Atos 14. 15-17).

O proêmio deste pequeno discurso é uma pergunta retórica de teor repreensivo. Esta pergunta continha uma censura ao comportamento dos homens de Listra: “Ó varões, por que fazeis estas coisas?” (At 14. 15), envolvendo a desconstrução de todo um modo de ser religioso.

Atesta-se, no proêmio, a apóstrofe, que exerce a função de um vocativo.

Referindo-se à pergunta retórica, Armando Plebe e Pietro Emanuele assinalam que:

Fazer uma pergunta, para a qual já se sabe que não há possibilidade de opção entre responder afirmativamente ou negativamente, já que a própria formulação do problema prefigura uma das suas respostas (ou exclui ambas), é o artifício que recebe o nome de pergunta retórica (PLEBE, EMANUELE, 1992, p. 63).

Os filósofos italianos acrescentam ainda que os antigos retóricos gregos referem-se à pergunta retórica com o termo grego *erótēma*; já em latim, tem-se o termo *interrogatio* e nós denominamos de “pergunta retórica” (PLEBE, EMANUELE, 1992, p. 63). Quintiliano a teoriza como sendo uma pergunta que é feita “*non sciscitandi causa, sed instandi*”, “não para investigar, mas para provocar” (QUINTILIEN. **Institution Oratoire IX, 2,6-11**).

Assim é que, quem se utiliza dessas “perguntas”, já sabe a resposta e não espera uma réplica do ouvinte, pois a pergunta, em si, já possui uma resposta própria.

Praticamente, no início da pergunta retórica, tem-se a presença de um importante marcador discursivo, o pronome interrogativo direto neutro: *tí*, “por quê?”, para introduzir a oração *interrogativa direta*. A forma verbal “fazeis”, por sua vez, está no presente do indicativo ativo, na segunda pessoa do plural. O verbo, no modo indicativo, é o modo da declaração definitiva, exprimindo fatos reais (pelo menos, considerados como tais). O orador Paulo, na passagem em questão, com o emprego desse modo indicativo, alega ou afirma, sem dúvida, que o que está mencionado não deixa de ser verdade: os habitantes de Listra são os agentes da ação verbal (nota-se o emprego da voz ativa).

Sublinhe-se que “estas coisas”, forma do pronome demonstrativo neutro plural no acusativo, é empregada para se referir ao comportamento dos de Listra, uma vez que o sacerdote de Zeus, cujo templo estava diante da cidade, queria realizar um sacrifício, com a comunidade, para honrar a Paulo e a Barnabé.

Ressalte-se que Paulo, no proêmio, não se utilizou de nenhum vocábulo para qualificar os seus ouvintes, denominando-os e invocando-os, somente, pela forma do

vocativo, plural, "Ó varões". Afinal, a própria situação em que ele e Barnabé se encontravam não deixava de ser emergencial, e por isso Paulo foi mais categórico e direto em suas palavras.

Nós também somos seres humanos de semelhante natureza como vós (...). (At 14. 15)

Após a pergunta retórica no próêmio, a narração se inicia pela conjunção coordenativa aditiva "também", em um sentido adverbial. Na verdade, pode-se considerar a expressão: "nós também somos ... como vós" como uma expressão importante que foi empregada para enfatizar que tanto ele e Barnabé quanto os habitantes de Listra (apostrofados como "varões", no começo do discurso) eram "seres humanos de semelhante natureza"; o substantivo seres humanos é predicativo do sujeito. Com o emprego do adjetivo "da mesma natureza de alguém", "de sentimentos semelhantes, igual a", Paulo nega a sua identidade divina juntamente com a de Barnabé.

Nota-se, nitidamente, uma "igualdade", e, de certo modo, uma comparação entre os pronomes pessoais *nós* e *vós*. A forma verbal no presente do indicativo da voz ativa, de primeira pessoa do plural, *somos*, é um verbo de predicação nominal, indicando um *estado* (vers. 15).

Assim é que a sentença "nós também somos seres humanos" é enfática e, de certo, lembra a exclamação parecida de Pedro, quando confrontado por Cornélio, quando esse estava prostrado: "eu mesmo também sou ser humano!" (At 10. 26). Em ambos os casos, os falantes objetivam estabelecer uma humanidade comum com os seu(s) ouvintes.

(vos) anunciamos o *Evangelho*, para converterdes destas coisas inúteis ao Deus vivo, que criou o céu e a terra e o mar e todas as coisas existentes neles. (At 14. 15)

Novamente, há o paralelo entre *nós* (em zeugma) e o pronome pessoal de segunda pessoa do plural, acusativo, *vós*, entre a função expressiva e a conativa.

Por meio da oração reduzida de infinitivo objetiva direta "para converterdes", Paulo expressa o objetivo ou a destinação da ação, conforme *infinitivo de destinação*, de sua pregação: a "conversão" dos homens de Listra ao "Deus Vivo" (vers. 15).

O cristianismo se apresenta como o único caminho da salvação, e não como um caminho religioso ou filosófico entre outros. A aposta é procurar implantar essa concepção no universo religioso romano saturado de cultos de todos os tipos, com a perspectiva, a longo prazo, de suplantá-los todos (PRIETO, 2007, p. 124).

Convém mencionar a respeito de dois complementos circunstanciais: “destas coisas inúteis” (adjunto adverbial de lugar “de onde”, conforme *genitivo de origem* ou seja, “movimento de algum ponto” (HORTA, 1979, p.134) ... “ao Deus vivo” (adjunto adverbial de lugar “para onde”, conforme *acusativo de direção*). Ressalte-se que o particípio *zônta* está substantivado e preposicionado. A primeira expressão é usada por Paulo para censurar a atitude dos seus ouvintes que estavam prestes a lhes oferecerem sacrifícios; a segunda, para apresentar a verdadeira Divindade que deveria ser venerada.

Assim, Paulo, através do emprego das preposições indica mudança de um lugar para outro, ou melhor, de um estado para outro.

A helenista Guida Horta sublinha que “o genitivo de origem supre o ablativo, desaparecido no grego, exprimindo, particularmente, *o ponto de partida* no tempo e no espaço, e, por extensão, *o afastamento* ou *a privação* (sentido figurado)” (ibidem, 1991, p. 388). Já em relação ao acusativo, a helenista pontua que é “o caso da extensão no espaço e no tempo, marcando a *direção*, ou *o movimento que tende para um ponto*, vindo, frequentemente, em expressões (próprias ou figuradas) que indiquem o termo de movimento” (ibidem, 1979, p.134).

Barrett, quanto ao infinitivo *epistréphein* diz que o verbo significa quase um comando: “dizendo-lhe para voltar”. A relação com 1 Ts 1. 9 tem sido, frequentemente, discutida (BARRETT apud ROWE, 2009, p. 22).

Na verdade, eles mesmos, quanto a nós, proclamam que tipo de recepção tivemos até vós, e de que modo (vos) convertestes dos ídolos para Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro. (1Ts 1. 9)

Barrett destaca que “Deus Vivo é “quase um nome próprio”; a potência do nome vem através do contraste de vida e de morte, o virar-se contra “destas coisas inúteis” e a favor do “Deus Vivo”, a fonte da própria vida” (BARRETT apud ROWE, 2009, p. 23).

A propósito, a expressão “Deus Vivo” era muito comum empregada pelo apóstolo (1Tm 4. 10; 1 Ts 1. 9; Hb 10. 31).

Paulo, depois de fazer a equiparação entre eles e os habitantes de Listra, apresenta, enfim, as ações do “Deus vivo” (vers. 15).

que criou o céu e a terra e o mar e todas as coisas existentes neles⁴.
(At 14. 15)

Após essa oração adjetiva introduzida pelo pronome relativo, seguem-se mais três orações, igualmente relativas, com a presença da zeugma de “que criou”, uma vez que

esses termos já foram citados, anteriormente, na primeira oração subordinada adjetiva, mas omitidos nas demais.

As sentenças, nas quais se consta a zeugma, são coordenadas entre si pela presença da conjunção coordenativa aditiva *kaí*. A propósito, devido à repetição dessa conjunção, tem-se outra *figura*, o polissíndeto com o objetivo de mostrar uma correlação, um encadeamento de ideias.

A expressão “todas as coisas existentes neles”, demonstra o poder da criação do “Deus Vivo”. O adjetivo *pánta*, em sua forma no neutro, plural, é o núcleo do objeto direto, seguido do artigo *tà*, igualmente, no neutro plural; ora, esse artigo serve para pôr em ênfase o adjetivo.

O complemento circunstancial "neles" é formado pela preposição em dativo-locativo seguida de um pronome demonstrativo em dativo-locativo, masculino, plural, indicando o lugar "onde", sem ideia de movimento.

Atesta-se, no versículo 15, a anisocronia, uma vez que Paulo não contou, de modo detalhado, a criação do mundo de acordo com o relato judaico que se encontra no livro de Gênesis, caps. 1-2. Utilizou-se, possivelmente, os livros de Êxodo 20. 11 e de Salmo 146. 6.

Há, ainda, a seguinte oração:

Que, nas gerações antigas, consentiu a todos os povos andar nos caminhos deles. (At 14. 16)

Levando em conta o relato paulino que, nas gerações passadas, Deus havia permitido que todos os gentios andassem em seus próprios caminhos (v. 16), Paulo destaca que havia chegado o momento de os gentios abandonarem seus próprios “caminhos” e se “virarem”, isto é, se “converterem” para o “Deus Vivo”.

Destaca-se, ainda, no versículo 16, o particípio perfeito preposicionado e substantivado acompanhado da preposição em dativo-locativo, expressando uma ideia de tempo (adjunto adverbial de tempo) "nas gerações antigas”.

O verbo no aoristo “permitiu, deixou, consentiu”, indica que o “Deus Vivo” era portador de soberania, pois nada acontecia sem o seu consentimento. No complemento verbal “a todos os povos”, o adjetivo neutro plural de *pân* sublinha, de igual modo, o poderio dessa Divindade, uma vez que tudo e todos estavam sob o seu controle.

Seja como for, não se deixou ficar sem testemunho; praticando boas ações, dando-vos chuvas do céu e tempos frutíferos, fartando de alimento e de alegria os vossos corações. (At 14. 17)

A oração iniciada pela partícula *kaítoi* “seja como for, não se deixou ficar sem testemunho” (vers. 17), é a oração principal das três orações participiais “praticando boas ações”, “dando-vos”, “fartando” que marcam a hipotaxe implícita.

A partícula *kaítoi* é classificada pela professora Guida como uma partícula intensiva “seja como for”. A helenista lembra que – *toi* reforça uma afirmação, vindo, quase sempre, em composição, sendo rara na forma simples (HORTA, 1979, p. 148). Assim é que Paulo, por meio dessa partícula, dá mais ênfase à sua argumentação.

Os participios “praticando boas ações”, “dando-vos”, “fartando” introduzem orações subordinadas substantivas predicativas do sujeito que aparece em duas orações adjetivas anteriores. O pronome relativo é sujeito de “criou” (versículo 15) e “consentiu” (versículo 16), em uma referência ao “Deus Vivo”. Não obstante, os participios no presente ativo: “praticando boas ações” (vers. 17), “oferecendo” (vers. 17), “fartando” (vers. 17), são verbos que expressam as ações, as atitudes do “Deus Vivo”.

Pode-se fazer um cotejo entre a apresentação paulina do “Deus Vivo” com a que Pausânias faz de Zeus, pois, para este, Zeus era visto como o provedor das boas coisas como se infere de: “pois, certamente, ele dá coisas boas para os seres humanos” (PAUSANIAS. **Description of Greece** 8.9.2).

Tem-se, no epílogo, uma espécie de conclusão daquilo que foi exposto anteriormente: “Seja como for, não se deixou ficar sem testemunho (...) (vers. 17).

Sublinhe-se que os vocábulos do epílogo apresentam uma correlação de ideias – indicando a soberania do “Deus Vivo” - com as palavras do final do versículo 15 e versículo 16.

A argumentação paulina se centra mais na função referencial, ao mencionar sobre as obras do “Deus Vivo”.

Paulo empregou a amplificação de modo antitético, ao colocar em confronto dois pensamentos, ou melhor, uma proposição considerada “fraca”, porém vista como “certa” para o seu público, e uma proposição considerada “forte”, porém vista como “certa” para ele. A propósito, seria preciso, para esta última proposição, ser amplificada por ser a “mais forte e verdadeira”. Utilizando-se de um acontecimento, que acabara de ocorrer diante dos seus olhos (At 14. 13), Paulo desenvolve as suas ideias.

Paulo almejava uma conversão de um estilo de vida religiosa considerada “errônea” para um estilo de vida religiosa “certa”, que seria incompatível com os cultos pagãos tradicionais.

Pode-se inferir que Paulo reprovou uma atitude muito comum de seu público: oferecer sacrifícios para agradar às suas divindades e intitula essa atitude de “coisas inúteis” (vers. 15). A crítica aos atos dos de Listra pode ser resumida em uma palavra

grega: “inútil”, “vazia”, “vã”. A propósito, esse adjetivo expressa muito bem o pensamento paulino.

Desse modo, acompanhada pela ação de rasgar as suas vestes, Paulo e Barnabé caracterizam toda a cena, que estava diante dos seus olhos, como inútil, vazia, vã, enfim, sem valor nenhum.

O versículo 15 constitui o ápice da argumentação do apóstolo, pois revela-se “a proclamação”, onde a função argumentativa do enunciado está mais visível nestes termos:

vos anunciamos o *Evangelho*, para converterdes destas coisas inúteis ao Deus vivo, que criou o céu e a terra e o mar e todas as coisas existentes neles. (At 14. 15)

Ora, na concepção judaico-cristã, tem-se a seguinte ordem:

[7] E não oferecerão mais seus sacrifícios aos demônios, atrás dos quais eles andam; isto será um estatuto perpétuo para eles nas suas gerações. [8] E a eles dirás: qualquer homem da Casa de Israel e do peregrino que habitar entre eles, que oferecer oferta de elevação ou sacrifício, [9] e à porta da tenda da reunião não trazer, para oferecê-los ao Eterno – aquele homem será banido de seu povo (Lv 17. 7-9)⁵.

Ser cristão, para os apóstolos, no mundo romano, significava não mais compactuar com as suas bases religiosas. Há um exemplo digno de nota desse pensamento que é a queima dos livros de magia⁶. A atitude dessas pessoas demonstra a oposição da fé cristã com as concepções religiosas vigentes (PRIETO, 2007, pp. 124-125). A propósito, escritores antigos se referem aos livros desta espécie como “escritos de fórmulas mágicas” (PLUTARCH. **Quaestiones Convivales** 706 e).

O apóstolo Paulo, para ratificar suas palavras, valoriza, principalmente, “as boas ações” do “Deus Vivo”, que a multidão de Listra desconhecia. Ser o Deus Vivo é ser o Criador Supremo, possuir o poder de dar vida para fazer o bem e trazer chuva e sustento a todos (vers. 15-17).

Paulo almejou alcançar a persuasão pelo seu *êthos*, a partir do momento em que ele se coloca como um ser igual ao seu público, sendo, então, também um simples “ser humano”.

Paulo buscou a persuasão, igualmente, pelo *lógos* ao construir o seu discurso. Ora, atesta-se, de um modo geral, uma igualdade pelo emprego do modo indicativo (presente e aoristo) e da forma nominal: participio. Dentre algumas possibilidades da expressão

modal, tem-se, então, o modo real, expresso pelo modo indicativo, que exprime a ação de modo objetivo.

Citem-se, agora, as hipérboles verbais, adverbiais e nominais para intensificar o sentido de um pensamento: 1) hipérboles verbais - “fartando” (vers. 17); 2) hipérbole nominal - “todas as coisas existentes neles” (vers. 15), “a todos os povos” (vers. 16), indicando, em ambas as hipérboles nominais, uma ideia de universalidade; “as multidões” (vers. 18).

Digno de nota é o sintagma “fartando de alimento e de alegria os vossos corações” (vers. 17), pois há uma hipérbole verbal seguida de seus complementos, explicitando-lhe mais o seu sentido.

A função expressiva e a conativa sobressaem em um determinado momento do discurso, depois, há um paralelo entre a função referencial e a conativa, por exemplos: a) função expressiva e conativa – “Ó varões ... Nós também somos seres humanos ... para converterdes destas coisas inúteis” (vers. 15); b) função referencial e conativa – “(...) ao Deus vivo, que criou (...)” (vers. 15); “Que, nas gerações passadas permitiu (...)” (vers. 16); “Seja como for, não se deixou ficar sem testemunho ... fartando de alimento e de alegria os vossos corações” (vers. 17).

Paulo citou, de modo sutil e indireto alguns relatos dos escritos sacros judaicos, como, por exemplo, a criação do mundo. É bom destacar que, na sentença “não se deixou ficar sem testemunho” (vers. 17), o “Deus Vivo”, dá testemunho de sua existência por meio de suas obras. Assim, pode-se considerar a Divindade como uma espécie de testemunha tanta antiga quanto recente.

Interessante ressaltar que, antes do narrador primário dos Atos inserir o discurso mimético paulino, ele destaca cinco momentos que antecederam ao discurso: Paulo e Barnabé viram (ação implícita no contexto), ouviram, rasgaram as suas vestes, correram e bradaram.

Então, os apóstolos Barnabé e Paulo, após terem ouvido, rasgando as suas vestes exteriores, correram para a multidão, bradando (...).

(At 14. 14)

Assim é que se podem extrair do excerto dos Atos os seguintes recursos extraverbais: a ação de “ver”, de “ouvir”, de “rasgar as vestes”, de “correr” e de “bradar”, no sentido de gritar.

A primeira ação, a de “ver” está ligada à visão e a segunda ação “ouvir”, à audição. Ora, essas duas ações fazem parte dos cinco sentidos do corpo humano; esses cinco sentidos – visão, audição, paladar, tato e olfato - fazem com que haja uma

interação com o mundo exterior. Obviamente, os dois apóstolos, simultaneamente, não só ouviram as pessoas quanto viram toda a cena que estava acontecendo.

A terceira ação foi uma atitude de resignação. Não só Paulo como Barnabé “rasgaram as suas vestes exteriores”, quando viram que o sacerdote de Zeus queria sacrificar com as multidões em honra a eles.

Destarte, o vocábulo *himátion* era utilizado, especialmente, para descrever uma capa e, em seu emprego geral, para designar “roupa” (VINE, 2002, p. 1056); e mais: “artigo de vestuário exterior, manto, lançado em cima do *khitón*”, (ibidem, p. 957). O *khitón* representa, então, a “veste interior”, a “roupa de baixo”, e devia-se diferenciá-lo de *himátion*.

Sublinhe-se que essa ação de “rasgar as vestes” poderia ainda ser considerada uma atitude de lamento, de luto, de extrema tristeza na cultura hebraica. Mais uma vez, constata-se, aqui, o emprego, da parte do orador, de um sugestivo recurso extraverbal, num contexto marcado pela urgência da ação.

Têm-se mais exemplos dessa atitude de “rasgar as vestes” em outros escritos: Quando Mordehai soube tudo quanto se havia passado, rasgou as suas vestes e se cobriu de pano de saco e de cinza (em sinal de luto) e, saindo pela cidade, clamou com grande e amargo clamor; e chegou até o portão do palácio real, porque ninguém vestido de pano de saco podia passar pelo portão do palácio real (Et 4. 1-2) (Ver também: Gn 37. 34; 2 Rs 6. 30; 19, 1-2; Is 37. 1-2; Jn 3. 5-6).

Convém sublinhar que os sacerdotes não poderiam fazer esse ato:

E Moisés disse a Araão e a seus filhos Elazar e Itamar: Vossas cabeças (cabelos) não deixeis crescer, e vossos vestidos não rasgueis para que não morrais, e não se levante a Sua ira contra toda a congregação; e vossos irmãos, toda a Casa de Israel, chorarão pelo que o Eterno queimou. (Lv 10. 6).

A quarta ação foi que eles “correram”, em direção à multidão, que explicita o desespero dos dois apóstolos. Desse modo, Paulo inicia o seu breve discurso com muita dificuldade e impede as multidões de oferecerem sacrifícios a eles (At 14. 15-18), cultuando-os como divindades do Olimpo.

O particípio “bradando”, dá início à quinta ação de Paulo e de Barnabé, como uma tentativa de impedir um grande erro dos habitantes de Listra.

Sublinhe-se que “rasgando as suas vestes exteriores”, juntamente com “bradando”, constituem particípios modais, isto é, adjuntos adverbiais de modo, de maneira de agir.

Há determinados valores na argumentação de Paulo: a) o que é “belo”: “as boas ações do “Deus Vivo” (At 14. 15-17); b) o que é “feio/ vergonhoso”: “as feias ações” dos homens de Listra (At 14. 13, 15).

Assim é que, em Listra, Paulo e Barnabé reprovaram qualquer tentativa, por parte do povo, de os adorarem como divindades, e protestaram contra uma prática comum, inerente às sociedades politeístas: o oferecimento de sacrifícios aos deuses, prática essa, aliás, aqui considerada, “coisas inúteis” (At 14. 15). Está claro que os apóstolos aparecem como aqueles que rejeitam tais tentativas de deificação.

Paulo emprega, no discurso em Listra, as seguintes *figuras de linguagem*, além das hipérbolos: a apóstrofe, a hipotaxe (implícita e explícita), o zeugma, a anisocronia, a anáfora, a comparação, a epáuxese etc.

Em certo momento da homilia paulina, as funções expressiva e conativa se destacam (At 14. 15), depois, há um paralelo entre a função referencial e a conativa (At 14. 15-17).

Infere-se que Paulo expõe a sua argumentação de modo cronológico decrescente de um modo geral, isto é, do presente para o passado (analepse), provavelmente, para facilitar a sua *memória*.

Apesar de ter extraído o seu prêmio não do louvor, mas da censura ao seu público, Paulo, por meio de vocábulos que igualavam tanto ele quanto Barnabé aos seus ouvintes, almejou despertar algumas “disposições, sentimentos” em seus ouvintes (vers. 16), como, por exemplo, “a amizade”, “a confiança”, “a benevolência”.

Não obstante, após o discurso, Judeus de Antioquia e de Icônio, instigando e persuadindo as multidões de Listra, apedrejaram a Paulo, dando-lhe como morto, de acordo com as informações de Atos 14. 19.

Desse modo, o discurso em Listra para a multidão não foi favorável ao apóstolo, uma vez que Paulo despertou algumas “disposições, sentimentos” em seus ouvintes: “a cólera”, “a inimizade”, “a indignação” (At 14. 18-19).

Ao defender a fé cristã, Paulo fez a apologia do monoteísmo. Sublinhe-se que essa apologia distinguia os “seguidores do Caminho” dos demais povos politeístas, e fazia com que se aproximassem dos judeus. Percebe-se, nesses discursos, uma oposição clara entre as crenças cristãs e as crenças vigentes dos cultos tradicionais.

Ora, o politeísmo poderia ser objeto de tolerância; entretanto, cabia aos homens acolher a pregação cristã, quando chegasse até eles, a fim de haver a “conversão”, para um estilo de vida religiosa que seria considerada correta. Na concepção judaico-cristã, tratava-se de chamar a atenção para o “erro da idolatria”, alicerçado na representação imagética das divindades (Dt 5. 7-9; Lv 17. 7-9; Am 2. 4; Jr 10. 1-16; Ez 8. 10).

O apóstolo almejava persuadir o seu público da existência de uma única Divindade, denominada por ele de o “Deus Vivo”. Os seus ouvintes deveriam prestar culto a somente um Deus, uma vez que Paulo ansiava por desconstruir a crença de seus ouvintes na existência de vários deuses.

Após um tempo, ao empreender a sua segunda viagem missionária, Paulo foi novamente a Derbe e a Listra. Ele encontra em Listra um discípulo de nome Timóteo, filho de uma judia cristã e de pai grego. Timóteo era conhecido por seu bom testemunho tanto em Listra quanto em Icônio. Paulo fez questão de ter a companhia de Timóteo em suas futuras viagens missionárias (At 16.1-3; 2 Tm 3.10-11).

BIBLIOGRAFIA

ALAND, Kurt et alli. *O Novo Testamento Grego*. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Ed. Revista par L. Séchan e Chantraine. Paris: Hachette, 2000.

BÍBLIA HEBRAICA. Baseada no Hebraico e à Luz do Talmud e das Fontes Judaicas. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Sêfer, 2012.

HOMER. *Odyssey*. Ed. of A.T. Murray. Cambridge, Massachusetts; Harvard University Press, 1919. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0135%3Abook%3D10%3Acard%3D503>. Acesso em: 21 /06/ 2013.

HOMÈRE. *Iliade*. Texte Établi et Traduit par Paul Mazon (Tome 1, Chants I à XII). Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1937.

HORACE. *Odes and Epodes*. Paul Shorey and Gordon J. Laing. Chicago. Benj. H. Sanborn & Co. 1919. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0024%3Abook%3D1%3Apoem%3D2>. Acesso em: 21/11/2013.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. *Os Gregos e Seu Idioma*. Tomo I, Rio de Janeiro: di Giorgio, 1991.

_____, Guida Nedda Barata Parreiras. *Os Gregos e Seu Idioma*. Tomo II, Rio de Janeiro: di Giorgio, 1979.

FLÁVIO JOSEFO. Apêndice: Resposta de Flávio Josefo a Ápio. In: *História dos Hebreus*. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

OVIDIUS. *Metamorphoses*. Ed. of Hugo Magnus. Gotha (Germany). Friedr. Andr. Perthes. 1892. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0029%3Abook%3D1%3Acard%3D163>. Acesso em: 09/ 11/ 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PAUSANIAE. *Graeciae Descriptio*, 3 vols. Leipzig, Teubner. 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0159%3Abook%3D7%3Achapter%3D2%3Asection%3D6>. Acesso em: 27 /04/ 2014.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. 3 Vols. With an English Translation by W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A., in 4 Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1918. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0160>. Acesso em: 27 /04/ 2013.

PERELMAN, Chaim. *Retóricas*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLEBE, Armando, EMANUELE, Pietro. *Manual de Retórica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PLUTARCH. *Quaestiones Convivales*. Ed. of Gregorius N. Bernardakis. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0311%3Astephpage%3D706e>. Acesso em: 10/11/2013.

PRIETO, Christine. *Cristianismo e Paganismo – A Pregação do Evangelho no Mundo Greco-Romano*. São Paulo: Paulus, 2007.

QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Texte Établi et Traduit par Jean Cousin (Tome V, Livres VIII et IX). Paris: Les Belles Lettres, 1978.

ROWE. C. Kavin. *World Upside Down - Reading Acts in the Graeco Roman Age*. New York: Oxford University Press, 2009.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. Tradução de Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2011.

SAMPLEY, J. P. (Org.). *Paulo no Mundo Greco-Romano: Um Compêndio*. Tradução de Pe. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHOLZ, Vilson. *Dicionário Grego-Português do Novo Testamento Grego*. In: ALAND, Kurt et alli. *O Novo Testamento Grego*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, pp. 761-977.

VINE, W. E. Dicionário Vine: *O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

NOTAS

¹ O presente artigo constitui uma adaptação do Capítulo “O Discurso em Listra para a Multidão” da Tese de Doutorado intitulada “Os Discursos Epidícticos de Paulo de Tarso no Livro dos Atos dos Apóstolos – Tradução e Comentários – defendida em 2016, sob a orientação do Prof. Dr. Auto Lyra Teixeira no PPGLC da Faculdade de Letras da UFRJ.

² Listra, atualmente, é identificada com um local denominado Zoldera, que fica a 1.6 km a noroeste da vila de Khatyn Serai. Listra ficava acerca de 30 km de Icônio (atual Konya), Derbe foi identificada, através de uma inscrição, como sendo Kerti Hoyuk, cerca de 100 km de Listra.

³ A figura de José/Barnabé é vista em Atos como sendo um paradigma de generosidade. José tinha por epíteto, *Barnabês*, “filho da consolação” (At 4. 36-37). Entrementes, Lucas qualifica Barnabé, como ficou mais conhecido, com uma expressão importante, que é empregada para intitular, por exemplo, o herói homérico e o homem ideal grego: *anèr agathós*. A propósito, o nome de Barnabé aparece em primeiro lugar na lista, entre os “mestres”, que atuavam em Antioquia da Síria (At 13. 1). Barnabé havia feito a ligação entre Paulo e os demais apóstolos, pois esses não acreditavam na conversão de Paulo (At 9. 26-27). Assim, Paulo passou a andar com os apóstolos em Jerusalém tanto saindo quanto entrando e evangelizando (At 9. 28-29). Comprova-se, desse modo, que Barnabé usufruía de certa autoridade e respeito diante dos líderes religiosos. Em um dado momento, Barnabé foi o líder da congregação de Antioquia da Síria; foi a Tarso buscar a Paulo e ambos permaneceram juntos por um ano inteiro, ensinando grandiosa multidão (At 11. 25-26). Mais tarde, Paulo e Barnabé se separaram após uma desavença (At 15. 36-41), e Barnabé não aparece mais no relato *lucano*. Interessante ressaltar que Lucas insere a entrada de Barnabé, em seu relato, entre dois fatos: a vida de extrema comunhão da comunidade primitiva (At 4. 32-35) e o episódio ocorrido com Ananias e com Safira (At 5. 1-11).

⁴ De acordo com: Porque o Eterno fez os céus e a terra, o mar e tudo o que há neles em seis dias e repousou no sétimo dia, e por isso o Eterno abençoou o dia do Shabat e o santificou (Ex 20. 11); ^[5] Feliz, porém, é aquele que tem no Deus de Jacob o seu socorro, e cuja esperança está no Eterno, seu Deus; ^[6] que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que eles contêm; que mantém para sempre a verdade (Sl 146. 5-6). Ver também a respeito do relato completo da criação do mundo no livro de Gênesis, capítulos 1-2.

⁵ Ver também: Lv 17. 7; Am 2. 4; Jr 10. 1-16; Ez 8. 10.

⁶ Bom exemplo é o episódio ocorrido em Éfeso. Tem-se uma informação em os Atos de que aqueles que haviam crido na pregação de Paulo confessavam, publicamente, as suas obras; aqueles que haviam praticado artes mágicas reuniram seus livros e queimavam diante de todos, estima-se que o cálculo dos preços desses livros equivalia a 50 mil denários (At 19. 18-19).